

Educação ético-estética: interfaces entre arte e filosofia no ensino médio

Graciela Ormezzano*
Sandra T. R. Pereira**

Resumo

O texto trata da significação dos participantes de uma oficina de educação em valores humanos e apresenta pontos de encontro entre a proposta de Sathya Sai e os conteúdos de filosofia que foram adequados à cultura dos educandos selecionados para a pesquisa. Os objetivos da investigação foram: desvelar o significado da oficina de educação em valores humanos com alunos do 1º ano do ensino médio; promover vivências com os educandos utilizando estratégias de educação estética; tentar compreender o processo educativo pela leitura dos textos iconográficos produzidos pelos participantes. Esta investigação, norteadas pelos paradigmas simbiossinérgico e inventivo (BERTRAND; VALOIS, 1994), traz algumas reflexões sobre a educação em valores humanos, que tem como base teórica e vivencial a abordagem de Sathya Sai Baba (2008). Trata-se de uma pesquisa qualitativa, da qual participaram 32 educandos, de ambos os sexos, de 13 a 15 anos, desenvolvida numa escola particular da cidade de Fraiburgo - SC. O instrumento utilizado foi a entrevista iconográfica, em que se formulou uma única pergunta-chave, respondida por meio de desenhos. Essas imagens foram consideradas textos iconográficos. É possível compreender as informações obtidas pela leitura

transtextual de imagens (ORMEZZANO, 2001). Foram encontradas três sínteses iconológicas, mas o artigo está focado numa delas, sobre educação ético-estética. Pode-se afirmar que é possível educar em valores humanos por meio de processos estéticos, com base na metodologia pedagógica escolhida, e que se perceberam algumas mudanças de atitude no grupo, assim como uma ampliação do sentido dos valores para os entrevistados.

Palavras-chave: Educação ético-estética. Filosofia. Arte. Valores humanos.

* Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, coordenadora de Pesquisa e Pós-Graduação da Faculdade de Artes e Comunicação; coordenadora do curso de Especialização em Arteterapia; docente e pesquisadora do curso de Artes Visuais, da Especialização em Arteterapia e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Passo Fundo. E-mail: gormezzano@upf.br

** Mestre em Educação pela Universidade do Oeste de Santa Catarina. Psicopedagoga em recursos especiais pela Pedagogia Waldorf. Coordenadora pedagógica e assessora psicopedagógica da rede particular de ensino de Camburiú. Coordenadora do projeto "Educação em Valores Humanos" da educação infantil ao ensino médio. E-mail: sandrainka@hotmail.com

Recebido em: 19/10/2008 – Aprovado em: 16/12/2008

Introdução

Na década de 1960, Sathya Sai Baba¹ observou que o sistema educacional indiano formava muitos doutores, mas não os preparava para servir à comunidade nem para atingir a paz. Com base nessa constatação, foram espalhadas escolas em todo o mundo seguindo os ensinamentos deste mestre, as quais atingem quase todos os níveis de escolaridade, do ensino fundamental até a pós-graduação. Nelas o educador enfatiza a formação de excelência em valores humanos. Os três objetivos principais deste modelo educacional são propagar os ideais da educação de Sathya Sai em valores humanos; ser um centro de formação de professores que seguem a proposta educativa de Sathya Sai; estudar e desenvolver continuamente técnicas, metodologias, conteúdos de cursos e planos de aula para ensinar crianças, jovens e adultos (INSTITUTO..., 2008).

As tradições do Oriente influenciaram a educação do Ocidente desde a segunda metade do século XX até hoje, promovendo nas décadas de 1960 e 1970 o ressurgimento de teorias espiritualistas ancestrais junto das tendências socioculturais vigentes. Segundo Bertrand (1991), a corrente educativa espiritualista não é religiosa, nem confessional, nem pertencente a uma igreja específica; tende a se preocupar com a ligação entre a pessoa e o universo, o conhecimento de si e o sentido da vida.

A recuperação dos conceitos espiritualistas constitui-se em algo mais que um paradigma; trata-se de uma mudança de cosmovisão. Para Ferguson (1989), é uma conspiração benigna em prol de uma nova mentalidade, mais ampla que uma reforma e mais profunda que uma revolução, uma “conspiração aquariana”.² Essas ideias produziram uma grande “transformação”³ em certos setores da sociedade, sendo compartilhadas por muitos interessados na compreensão da multidimensionalidade⁴ do ser humano.

Na tentativa de estabelecer pontos de encontro entre a proposta de Sathya Sai e os conteúdos de filosofia que poderiam ser adequados à cultura dos nossos educandos, buscamos subsídios nos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, que abordam como ideal uma filosofia possuidora de uma natureza transdisciplinar, a qual pode contribuir na articulação dos diversos sistemas teóricos e conceituais curriculares, quer como disciplina específica, quer inserida no currículo escolar. Este documento defende uma postura “inter/transdisciplinar” (BRASIL, 1999, p. 339) na formação do cidadão, segundo um processo reflexivo e crítico, trazendo o plano pessoal-biográfico, que favorece a conquista de um modo pessoal de pensar e refletir; faz retornar essa reflexão sobre si mesmo como um “[...] momento de formação que possa examinar criticamente as certezas e ver-

dades, questionar os valores e deixar aberto o espaço para a invenção significativa da própria vida” (BRASIL, 1999, p. 344).

Procurando também uma atualização para este referencial, encontramos elos entre nossa pesquisa e o “Programa Ética e Cidadania – Construindo Valores na Escola e na Sociedade”, campo no qual se espera consolidar práxis pedagógicas que conduzam à liberdade, ao convívio social, à solidariedade humana e à inclusão. Contudo, “[...] não se trata de um programa a ser anexado aos currículos; é, sobretudo, o espaço onde as crianças possam aprender a viver a complexidade dos dias atuais e onde os educadores e inúmeros outros agentes sociais possam praticar e difundir os princípios da vida cidadã” (BRASIL, 2008).

Nessa perspectiva, considerando que é dever do sistema educacional formal agir com base nos princípios democráticos, éticos, da responsabilidade social, dos interesses coletivos e da própria condição humana, problematizamos: Qual a significação de uma oficina que trabalhou a metodologia em valores humanos de Sathya Sai Baba com alunos do 1º ano do ensino médio, expressa por meio de desenhos que evidenciaram o processo de ensino e aprendizagem?

Para responder a tal questionamento e de acordo com a abordagem proposta, foram elaborados os seguintes objetivos: desvelar o significado

da oficina de educação em valores humanos com alunos do 1º ano do ensino médio; promover vivências com os educandos utilizando estratégias de educação estética; tentar compreender o processo educativo por meio da leitura dos textos iconográficos produzidos pelos participantes.

Recursos metodológicos

Nesta investigação optamos pelos paradigmas simbiossinérgico⁵ e inventivo, apresentados por Bertrand e Valois (1994). Trazemos algumas reflexões sobre a educação em valores humanos, que tem como base teórica e vivencial a abordagem de Sathya Sai, embora este modelo tenha sido reformulado para atingir os nossos objetivos, e enfatizamos os estudos sobre ética, educação estética, teorias espiritualistas da educação e transdisciplinaridade.⁶

A metodologia transdisciplinar empregada está de acordo com a proposta de Sathya Sai, com uma abordagem espiritualista da educação; inclui estudos de psicopedagogia, de filosofia, das escrituras sagradas de diferentes credos; propõe exercícios de autoconhecimento, dramatização, artes visuais, cânticos religiosos e danças folclóricas de todas as culturas.

Os valores que trabalhamos na nossa oficina foram amor, paz, verdade, ação correta e não-violência, tendo o objetivo básico de conduzir o aluno ao caminho do autoconhecimento e à

busca da consciência cósmica, cultivando as relações humanas na vivência do amor e da fraternidade universal (MARTINELLI, 1996).

A pesquisa foi desenvolvida no Centro Educacional Fraiburgo, na cidade de Fraiburgo, Santa Catarina, em oficina oferecida para quatro turmas. Na busca de uma prática mais integradora no processo educacional, fomos repensando, burilando e refazendo a proposta até chegar à que seria desenvolvida com os participantes da investigação. Os resultados nas turmas que não foram selecionadas para a investigação não foram diferentes em termos de autodescoberta, contentamento e paz interior. O grupo selecionado foi o último e esteve constituído de 32 educandos, de ambos os sexos, de 13 a 15 anos.

A oficina é uma modalidade produtiva, estimulante e criadora, capaz de aprofundar o processo de ensino-aprendizagem; exige uma transformação do educador para integrar o conhecimento de si e o crescimento como sujeito comunicante e facilitador de um saber e de um fazer que lhe permitam o desenvolvimento das quatro funções básicas da consciência: pensamento, sentimento, sensação e intuição (ORMEZZANO, 2001).

Realizamos as vivências iniciando com exercícios de relaxamento e visualização; depois, utilizamos nas holopraxis⁷ diversas estratégias textuais (palavra, imagem, som e gesto),

seguidas da entrevista iconológica e da leitura dos textos iconográficos produzidos pelos participantes, finalizando com momentos de socialização para compartilhar o vivido. Desde o primeiro encontro observamos que o silêncio crescia, os sorrisos eram mais amistosos e menos críticos em relação aos colegas e que os participantes resignificavam suas emoções por meio da produção estética, presente em cada um dos cinco encontros.

A entrevista iconográfica grupal tem o intuito de chegar à perspectiva do todo, e por meio dela os participantes ofereceram uma resposta icônica à pergunta-chave da investigação, dada na forma de desenhos. Estes, denominados de “textos iconográficos”, posteriormente foram compreendidos e interpretados com base na leitura transtextual de imagens, proposta por Ormezzano (2001), do que resultaram três sínteses iconológicas que procuram a simbiossinergia do texto verbal e visual: a construção da subjetividade, a constituição do mundo matéria-energia e a educação ético-estética. Na última síntese iconológica está focado este artigo.

Educação ético-estética

Optamos por inserir nesta proposta de educação em valores humanos uma concepção estética da vida, uma ética ecológica que expressa o sentimento de pertença ao entorno, um desenvolvimento evolutivo e har-

monioso do eu que se manifesta no ser *holon*, uma integração das múltiplas dimensões da pessoa, a simbiose das diferenças e a consciência evolutiva.

Nesse sentido, os paradigmas simbioossinérgico e inventivo referidos por Bertrand e Valois (1994) têm uma certa correspondência com a cosmovisão estética da qual fala Maffesoli (1995). O paradigma inventivo está centrado na construção de comunidades de pessoas, e a escola é o lugar de educação dos seres humanos nos aspectos singular e social, no interior e no político; procura cultivar uma consciência histórico-crítica, uma formação ética e um modelo de criatividade pautado pela união com outros. Assim como a educação estética, com base na proposta de Maffesoli (1995), está fundamentada na vida em sua diversidade, a escola, como organização social, tem seu lugar central no *modus vivendum* e na pluralidade das coisas, que vão desde os fenômenos mais primitivos até o desenvolvimento tecnológico mais sofisticado; busca unir sinergicamente na criação artística a matéria e o espírito, o estático e o dinâmico, a paixão e a razão, como expressões da mitologia contemporânea. Isso posto, o imaginário social evoca a interação entre o pensamento e as emoções.

O imaginário foi trabalhado ao longo de todos os encontros nas atividades de distensão e visualização criativa. Utilizamos nossa fala para contar alguns mitos, e os educandos produziram mandalas e outros dese-

nhos; juntos cantamos e realizamos atividades de expressão corporal para expressar as emoções por meio de sons e gestos. A retomada do imaginário pode restaurar o equilíbrio perdido e recriar mitologias, que, neste caso, serviram de nexos sociais. A imagem invade nossa cultura, nossas vidas, está presente a todo momento, às vezes até excessivamente. Por isso, aproveitamos essa estratégia para que os educandos significassem o vivido. Sabendo que toda época de transição é desordenada, precisamos compreender isso para aceitar a transformação dos valores observáveis no cotidiano. Nesse sentido, Maffesoli escreve:

É tendo isso em mente que se podem compreender as transmutações do estilo, observáveis em nossos dias, estilo que, de simplesmente utilitário que era, tende a integrar todas as dimensões estéticas (oníricas, lúdicas e simbólicas), das quais se podem ver os efeitos, em cada momento da vida quotidiana (1995, p. 42).

O mito é uma totalidade que ultrapassa a dimensão racional, tendo de apoiar-se na sensibilidade, nas emoções. A mitologia que está nascendo progressivamente superpõe-se a mitos anteriores. A constituição do mito presente expressa um estilo, uma estética, que se exprime em imagens, vivenciando no concreto o sutil e tornando visível o invisível, materializando em desenhos as imagens mentais dos educandos. É uma nova sabedoria, como escreve Maffesoli:

Nueva sabiduría. La que no perdieron todos aquellos que se mantuvieron atentos al “centro pleno” de la reflexión, es decir, a la afirmación, a pesar y contra todo, de los valores humanos en su enteridad y no reducidos a ese humanismo sucinto propio de la modernidad occidental (2001, p. 15).

A estrutura social brasileira mantém-se dentro da modernidade⁸ porque compactuamos com ela. A partir do momento em que não formos coniventes com essa estrutura e assumirmos nossos papéis de educadores com atitudes que demonstrem o contrário, estaremos fazendo nossa parte para o avanço da “conspiração aquariana”. As velhas estruturas da escola ficarão como estão enquanto professores e alunos desempenharem seus velhos papéis de aceitação ao *status quo*. Cabe-nos, pois, o compromisso de reconhecer o potencial transformador que há no processo educacional e agir com consciência.

Para isso, podemos pensar nas concepções de Marilyn Ferguson (1989) sobre a educação fundamentada na transformação de valores: consumo adequado, reciclar para fazer artesanato ou inventos a serviço de autênticas necessidades; flexibilidade e criatividade no trabalho de acordo com as necessidades das pessoas; valores espirituais transcendendo a ganância material; lógica enriquecida por sentimentos e intuições; tecnologia como instrumento, não como sistema de tirania e tentativa de entendimen-

to global para localizar as causas da desarmonia e do desequilíbrio.

Compreendemos ser necessário, para que consigamos entrar num processo de desenvolvimento humano, acessar os valores fundamentais, num ambiente que possa nutrir a reflexão sobre a vida, sobre o viver humano, a fim de tornar possível a sobrevivência do ser humano e do planeta. Possuímos sementes de qualidade para nos transformarmos para tomar consciência da unidade e do complexo estrutural do universo, para sentir a interdependência e a nossa responsabilidade de cocriadores universais. Martinelli (1996) infere que a proposta de Sathya Sai está baseada no amor e na força espiritual que impregna o universo, ressaltando que os males podem se originar do vazio espiritual das instituições educacionais e que a vivência do sagrado permite que os valores humanos sejam praticados espontaneamente.

Percebemos como uma possibilidade dessa transformação integrar as diversas formas linguísticas e resgatar o sagrado nas aulas de arte e de filosofia; o sagrado que remete à imanência e ao mítico e, “[...] sobretudo, todas las comunicaciones no verbales que, por sedimentaciones sucesivas, estructuran la solidaridad orgánica sin la cual no hay sociedad posible” (MAFFESOLI, 2001, p. 56).

Essa solidariedade orgânica se constitui de todos os valores trabalhados na oficina e percebidos nas

produções estéticas dos entrevistados, nas quais se revelaram significados de harmonia, equilíbrio, despertar da intuição e amor. A busca da essência pode nos aproximar de sentimentos de amorosidade. Ao estarmos em equilíbrio com nós mesmos, estamos mais abertos para aceitar o outro e somos mais solidários e compreensivos com os erros alheios, por aceitarmos nossos próprios equívocos. Sobre amor e verdade, esclarece-nos Krishnamurti: “[...] para se conhecer o amor, a Verdade, Deus, não pode haver opiniões, nem crenças, nem especulações a seu respeito [...]. Amai, e não vos deixeis enredar em opiniões e idéias sobre o que é o amor ou o que ele deve ser” (1992, p. 220).

Observamos também que em cada encontro instalava-se uma atmosfera de paz, o silêncio crescia, bem como o respeito pela produção e manifestação do outro. Um dos participantes escreveu sobre o significado do seu desenho: “Paz interior, autoconhecimento e autoaceitação.” Outro, que apresentava diagnóstico psicológico e médico de bipolaridade, nos primeiros encontros mostrava-se inquieto e contrariado, porém, aos poucos, foi mudando de atitude e comentou: “Esta oficina é algo para ser lembrado futuramente.”

Amar pode ser a melhor ação para construir a paz. E para falar de paz podemos iniciar também partindo de sua antítese, a violência. A paz tem seus rizomas plantados no solo fértil

da solidariedade e das ações corretas; a violência, na intolerância e na indiferença das relações intersubjetivas. Vejamos o que o líder religioso do Tibet sugere para nossa reflexão e ação na vida prática: restringir o comércio de armas; fomentar a união política internacional, como na União Europeia; promover zonas desmilitarizadas, como na Antártida; reconhecer o trabalho de grandes organizações, como ONU, Unicef, OMS e outras. O Dalai Lama considera que é muito ingênuo supor que os problemas que levam à violência possam ser resolvidos por meio do conflito armado:

Uma coisa é garantida. Graças ao amor do ser humano pela verdade, pela justiça, pela paz e pela liberdade, criar um mundo melhor e mais compassivo é uma possibilidade legítima. O potencial está aí. Se com a ajuda da educação e o uso correto dos meios de comunicação pudermos combinar algumas das iniciativas sugeridas aqui com a implementação de princípios éticos, estabeleceremos um clima em que o desarmamento e a desativação militar serão aceitos sem controvérsias. E teremos criado condições para uma paz mundial duradoura (2000, p. 235).

Esse modelo de tomada de decisões faz parte do paradigma inventivo, que propõe um mutualismo não hierárquico e leva as pessoas a se envolverem em todos os meios de vida, promovendo as condições necessárias para que todos participem no desenvolvimento das comunidades, das próprias pessoas e do mundo.

Considerações finais

Hoje podemos afirmar que é possível educar em valores humanos por meio de processos estéticos, meditação, autoconhecimento, com base na metodologia escolhida. Ao tentar compreender o processo educativo vivenciado pelos participantes por meio de imagens, objetivamos apenas entender o significado dos desenhos, sem nos ater à sua constituição física, mas ao seu simbolismo, reconhecendo neles a significação dada pelo grupo às vivências na oficina e no processo vital.

Assim, percebemos algumas mudanças de atitude no grupo e uma ampliação do sentido dos valores para os educandos. Dentre esses, eles mencionaram a esperança de encontrar a paz interna e o amor para curar as dores da sociedade a partir da própria dor, pois, lamentavelmente, não existe processo de aprendizagem indolor.

Os entrevistados manifestaram também que aprenderam a ouvir a voz interior, a se olharem como seres humanos de acordo com suas características de gênero, a se sentirem em plenitude consigo mesmos, a conviver, a vislumbrar o potencial latente em cada um e, sobretudo, que é possível ser feliz numa perspectiva de esperança e construção cotidiana da subjetividade.

Como educadoras e pesquisadoras, aprendemos que o espaço da sala de aula, além de ser um espaço de transformação social através da edu-

cação em valores, pode ser o espaço em que cada uma das pessoas participantes da ação de educar e de aprender pode crescer como ser humano e chegar a níveis de consciência que permitam entender que não há observador nem observado e que a percepção interior de que não existe a separação sujeito-objeto sempre existiu para místicos e sábios de todas as épocas da filosofia perene.

Abstract

Ethical-aesthetical education: interfaces between art and philosophy in secondary school

This paper talks about the meaning of the participants in a human values education workshop and presents points of meeting between Sathya Sai proposal and the contents of Philosophy for high school. The objectives of the investigation were: to understand the meaning of a workshop about education in human values, with pupils of the first year of high school; to promote experiences with them using aesthetic education strategies; to try to understand the educative process by iconographic texts produced by the participants. This investigation centered in symbiosynergic and inventive paradigms (BERTRAND; VALOIS, 1994), brought some ideas about edu-

cation in human values, that has as theoretical and practice bases Sathya Sai Baba proposal (2008). It is a qualitative research that was carried out with thirty two pupils, between 13 to 15 years old, both of gender, developed in a particular school, at Fraiburgo - SC. The instrument was an iconographic interview that formulated only one key question and was answered through drawings. These images were considered iconographic texts. It was possible to understand the information obtained, from Trans-textual Images Reading System (ORMEZANO, 2001). Three iconological syntheses might be observed, but the focus of the article it's just in one about ethical-aesthetic education, so now it's possible to say that teachers can educate in human values by aesthetic process, based in the pedagogical methodology selected and that it was perceived some changes in the group and a largest sense of values for the interviewers.

Key words: Ethic-aesthetic education. Philosophy. Art. Human values.

Notas

- ¹ Místico indiano que nasceu em 1926 na vila de Puttaparthi, no estado de Andhra Pradesh, no sul da Índia. Reside lá ainda hoje, recebendo milhares de visitantes de todas as partes do mundo em seu *ashram* (comunidade espiritual), chamado *Prasanthi Nilayam*, que significa "Morada da Paz Suprema", e criou uma proposta educativa denominada "educação em valores humanos" (SATHYA, 2008).
- ² Ferguson define a conspiração aquariana como: "Es una nueva mentalidad, el surgimiento de

una sorprendente visión del mundo, en cuyo marco hay cabida tanto para la ciencia de vanguardia como para las concepciones del más antiguo pensamiento conocido" (1989, p. 23).

- ³ Segundo Ferguson, o termo "transformação" possui significados paralelos aplicados às ciências e às mudanças humanas. Entretanto, "[...] antiguas tradiciones describen la transformación, de modo significativo, como un nuevo *ver*. Emplean metáforas de luz y claridad" (1989, p. 74-75).
- ⁴ Entendemos por "multidimensionalidade humana" a união corpo-mente-espírito-sociedade-cultura-natureza.
- ⁵ Simbiose significa associação vital e fundamental entre seres vivos com tudo o que existe. Sinergia indica ação simultânea e criativa num projeto cósmico.
- ⁶ Considerando a necessidade de esclarecer nossa compreensão do termo, utilizamos a seguinte definição para transdisciplinaridade: "A transdisciplinaridade geral é a que foi definida na Declaração de Veneza. É a axiomática comum *entre* ciência, filosofia, arte e tradição" (WEIL, 1993, p. 40).
- ⁷ Entendemos por "holopraxis" uma prática pedagógica que considera o ser humano em sua inteireza (do grego *holos* - inteiro).
- ⁸ Este conceito depende da crença no uso da razão e do conhecimento como artífices de todo progresso; vê o futuro como um tempo melhor que o presente. A modernidade histórica fundamenta-se na ideia de que a cultura e a sociedade têm um desenvolvimento progressivo baseado no avanço da ciência e no exercício da razão humana.

Referências

- BERTRAND, Y. *Teorias contemporâneas da educação*. Lisboa: Instituto Piaget, 1991.
- BERTRAND, Y.; VALOIS, P. *Paradigmas educacionais: escola e sociedades*. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.
- BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio*. Brasília: Ministério da Educação, 1999.
- _____. Ministério da Educação. *Programa ética e cidadania*. Apresentação. Disponível

em: <http://portal.mec.gov.br/seb/index.php?option=content&task=view&id=503&Itemid=492>. Acesso em: 20 out. 2008.

DALAI, Lama. *Uma ética para o novo milênio*. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

FERGUSON, M. *La conspiración de Acuario*: transformaciones personales y sociales en este fin de siglo. Buenos Aires: Troquel, 1989.

INSTITUTO de Educação em Valores Humanos. Disponível em: http://www.valoreshumanos.org/experiencia_no_brasil.htm. Acesso em: 19 out. 2008.

KRISHNAMURTI, J. *Diálogos sobre a vida*. São Paulo: Cultrix, 1992.

MAFFESOLI, M. *A contemplação do mundo*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

_____. *El instante eterno*: el retorno de lo trágico en las sociedades posmodernas. Buenos Aires: Paidós, 2001.

MARTINELLI, M. *Aulas de transformação*. São Paulo: Fundação Peirópolis, 1996.

ORMEZZANO, G. R. *Imaginário e educação*: entre o homo symbolicum e o homo estheticus. 2001. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

SATHYA Sai Baba. Disponível em: <http://www.sathyasai.org.br/saibaba/conheca.htm>. Acesso em: 15 out. 2008.

WEIL, P. Axiomática transdisciplinar para um novo paradigma holístico. In: WEIL, P.; D'AMBROSIO, U.; CREMA, R. *Rumo à nova transdisciplinaridade*: sistemas abertos de conhecimento. São Paulo: Summus, 1993. p. 9-73.